Com um texto inédito de Aquilino Ribeiro

Manuel de Lima Bastos

No Esplendor da Sombra de Mestre Aquilino

Sopa de Letras

No Esplendor da Sombra de
Mestre Aquilino

Título
No Esplendor da Sombra de Mestre Aquilino

Autor
Manuel de Lima Bastos

Edição
Sopa de Letras, Cascais
1.ª edição – Outubro de 2011
© Princípia Editora, Lda.

***Design* da Capa** Maia Moura Design (Aquilino Ribeiro sob gravura do pintor Orlando Silva) • **Execução Gráfica** Tilgráfica, S.A.

ISBN 978-972-8708-69-6 • **Depósito Legal** 333863/11

Sopa de Letras
Rua Vasco da Gama, 60-C – 2775-297 Parede – Portugal
Tel. +351 214 678 710 • Fax +351 214 678 719 • principia@principia.pt • www.sopadeletras.com.pt

Manuel de Lima Bastos

No Esplendor da Sombra de Mestre Aquilino

Sopa de Letras

A publicação de
No Esplendor da Sombra de Mestre Aquilino
teve o apoio de

santa maria da feira câmara municipal

MUNICÍPIO DE SERNANCELHE
SERNANCELHE
à tua descoberta.

município
moimenta da beira

ORDEM DOS ADVOGADOS

Para
Miguel Veiga,
grande advogado, homem das artes, dos livros e da cultura, amigo dilecto a quem rendo fervoroso preito de estima e de admiração,

e para
José Mário de Almeida Cardoso,
presidente da Câmara Municipal de Sernancelhe e cidadão empenhado na visibilidade cultural do seu concelho, a quem me confesso reconhecido pelo apoio que desde a primeira hora concedeu ao trabalho que venho desenvolvendo em prol da divulgação da obra de mestre Aquilino Ribeiro.

PREFÁCIO

A bem dizer, eu não conhecia o Dr. Miguel Veiga.

Depois de ter tocado outros instrumentos no princípio da minha vida de adulto, comecei a exercer o ofício de advogado – advogado de província mais que modesto – pelos trinta e poucos anos quando Miguel Veiga tinha já nome firmado no foro, não só no Porto onde tem escritório, mas em todo o país.

Algumas vezes, poucas, ainda nos roçamos por alguns tribunais e outras vezes encontrei-o em certos sítios da noite portuense onde pontificava na sua roda de amigos e conhecidos dos quais este ou aquele era comum. De mim, nem se deve ter dado conta da minha existência, o que não admira.

Miguel Veiga era Miguel Veiga e eu era apenas um obscuro transeunte a quem por desfastio o encenador deixara figurar na comédia fazendo-o entrar pela esquerda alta do palco da vida em aparição fugaz para de imediato lhe dar sumiço de cena sem outro relevo ou consequência.

Isto traz-me a recordação de certo passo dum magnífico filme italiano da época dos Visconti, Fellini, Rosselini ou De Sica cujo nome se me varreu para sempre da memória mas do qual recordo que um excelente actor secundário encarnava a figura de uma personagem im-

portante a quem, numa celebração, iam sendo sucessivamente apresentadas outras pessoas. O amigo que o acompanhava admirava-se por o fulano não reconhecer ninguém mas este justificava-se: – Que queres, eu sou só eu, é muito fácil conhecerem-me. Os outros são tantos, como queres que me lembre de toda essa gente?

Assim com Miguel Veiga que era apenas ele e por isso era muito fácil de vir à lembrança dos outros. Desses outros, dos anónimos outros fazia eu parte. Como podia o homem, ainda que vagamente, recordar-se de mim?

Quando publiquei a primeira obrinha sobre Aquilino Ribeiro, que baptizei com o nome de *À Sombra de Mestre Aquilino* e à qual foi atribuído o Prémio Literário da Ordem dos Advogados 2009, vim a conhecer um certo José Domingos da Cruz Santos a quem hoje dedico amizade que, por ser de fresca data, nem por isso é menos sincera e sentida do coração.

Ora este amigo – que é editor e livreiro – tendo gostado do meu livrinho, deu-se à canseira e à despesa de mandar vir da editora que o publicara uns quantos exemplares para distribuir por pessoas das suas relações, feito qual apóstolo a espalhar a boa nova, e um deles foi parar às mãos de Miguel Veiga.

Leu-o e parece ter comungado da opinião do amigo ofertante porque uns tempos decorridos recebi no meu escritório de advogado na Vila da Feira uma encomenda contendo um exemplar da sua colectânea de textos a que chamou *"O Meu Único Infinito É a Curiosidade"*, magnífica tanto no conteúdo como no primor da edição, com dedicatória e acompanhada por um cartão onde o Dr. Miguel Veiga se esbanjava em encómios ao meu trabalho sobre Aquilino.

Quando publiquei o segundo livro – continuação do primeiro e a que dei o título *"De Novo à Sombra de Mestre Aquilino"* – já não foi necessário o amigo Cruz Santos esportular-se pois não me esqueci de retribuir a oferta. E de novo voltei a receber outro exemplar da mesma excelente obra de Miguel Veiga, por certo esquecido de que já ma havia obsequiado, com a dedicatória e o cartão do costume mas ainda mais superlativos na apreciação do meu novo trabalho.

Naturalmente agradeci a oferta repetida permitindo-me lembrar a Miguel Veiga que, quando futuramente lhe enviasse um terceiro livro

sobre o prosador, mestre da língua portuguesa, muito lhe agradecia que me retribuísse com um terceiro exemplar da sua colectânea de textos, se possível com novos cartão e dedicatória, uma vez que, tendo três filhos, gostaria de deixar a cada um deles um volume da obra para que, quando eu já tivesse partido de viagem, se lembrassem da opinião que um homem com a talha intelectual e a envergadura cultural do Dr. Miguel Veiga escrevera pelo seu punho acerca do pai.

Quando, em Maio de 2011, dei à luz esse terceiro livro – *Na Luz da Sombra de Mestre Aquilino* – levantou-se-me o problema de descobrir pessoa idónea que se predispusesse a fazer a sua apresentação na Biblioteca Aquilino Ribeiro em Moimenta da Beira, sob o patrocínio da autarquia, já que o anterior fora apresentado no Auditório Municipal de Sernancelhe pelo meu bom amigo Dr. Jerónimo Costa, da direcção do Centro de Estudos Aquilino Ribeiro (CEAR) de Viseu e primeiro presidente da Confraria Aquiliniana. Nessa cerimónia, que decorreu sob os auspícios da Câmara Municipal do concelho onde o prosador nasceu e do seu presidente Dr. José Mário de Almeida Cardoso, o filho do grande escritor e também amigo querido que muito prezo, Eng. Aquilino Ribeiro Machado, quis estar presente e proferir notável improviso.

É claro que o primeiro nome que me veio à cabeça foi, como não podia deixar de ser, o de Miguel Veiga, ele próprio aquiliniano do coração e profundo conhecedor da obra do mestre das letras portuguesas. Para tal, ainda tentei uma tímida abordagem ao amigo comum Cruz Santos porque, por mim próprio, não me via capaz do atrevimento de lhe solicitar o incómodo.

Cruz Santos logo me desanimou. O homem, sobre ter uma agenda mais que preenchida, era requestado para esta classe de estopadas tanto como a mulher de Putifar para outras actividades muito mais gratificantes. Avenha-se lá como puder que eu nem me atrevo a fazer-lhe o convite, disse-me Cruz Santos contando que se vira enredado por pedido idêntico que recebera de escritor com nome conhecido na praça e o Dr. Miguel Veiga despachara-o *in limine* alegando excesso de encomendas embora amaciando a pílula com um deferente mas mais que vago: – *Talvez no próximo ano*!

Mas o amigo Cruz Santos acabou por me dar uma preciosa informação relatando que o Dr. Miguel Veiga, pelo lado de seu pai Dr. Luís Veiga, provinha das *terras do demo* aquilinianas e, de modo particular, com raízes em Moimenta da Beira e Sernancelhe. Foi quanto me bastou.

Contactei o vereador Dr. Francisco Cardia, que fora incumbido pelo executivo daquele primeiro município de pôr em andamento a cerimónia de apresentação do meu livro e sempre me dispensou devotada e constante atenção, o que aqui consigno com o meu reconhecimento e apreço, sugerindo que a autarquia enviasse uma carta subscrita pelo seu presidente convidando formalmente o Dr. Miguel Veiga a proferir a intervenção principal na análise literária da obra e fazendo vibrar discretamente a corda da harpa sentimental das suas memórias na ligação não só à terra mas também a Aquilino Ribeiro.

Miguel Veiga deu-nos, a mim e a quem lá esteve, o prazer de aceitar e produziu um texto magnífico que redundou em primeira linha – como era de justiça – na glorificação do escritor e, por acréscimo mais que benévolo, do meu próprio trabalho.

As palavras que proferiu nesse dia 21 de Maio de 2011 andam por aí publicitadas em *sites* e *blogs* e sairão na íntegra no próximo número da revista cultural *VILLADAFEIRA* que se publica na minha terra e é dirigida pelo meu prezado colega e amigo Dr. Celestino Portela.

Sendo, em primeira linha, um texto do qual sai magnificado o prosador sem par, dessa exaltação apaixonada refiro apenas estas palavras: *Admirável Aquilino, formidável Aquilino, incomensurável e inimitável Aquilino.*

Alguns conhecidos permitiram-se chamar-me a atenção para o facto: no texto de Miguel Veiga o protagonista é realmente Aquilino Ribeiro e não o meu livrinho, o que não só não me incomoda nada como é motivo de satisfação por resultar da análise dos meus trabalhos já que eles próprios outra coisa não fazem senão andar ao redor da vida e da obra de Aquilino Ribeiro. A expressão "à sombra de" que vem incluída nos títulos de todos os livros disso dá testemunho e tem o significado explícito de que o rei não sou eu, antes e apenas almejo ser o amigo devotado do rei.

E foi essa realidade que o excelente trabalho de Miguel Veiga espelhou, como não podia deixar de ser, e eu próprio me congratulo que o tivesse feito.

Ainda assim não se coibiu de deixar-me palavras de fundo apreço pelas minhas obrinhas, o que a vaidade me faz transcrever pela muito simples razão que, desses trabalhos e dessas canseiras, outra paga não retiro que não seja a satisfação de receber algum reconhecimento da boca de pessoas que reputo mais sábias e competentes do que eu, como é o caso de Miguel Veiga.

Penitenciando-me por essa vaidade, aqui vou exarar alguns excertos dessa inspirada intervenção: *Começo por me confessar admirador convicto do excelente trabalho literário de Manuel de Lima Bastos nas suas obras cuja leitura vem lançar novas e penetrantes luzes sobre a magnífica produção aquiliniana com que podemos gulosamente dar de beber aos olhos à sombra tutelar do génio luminoso do mestre,* assim principia esse texto.

Continua: *como seu* alter ego*, tão constante e lúcida é a sua apaixonada fidelidade ao mestre Aquilino Ribeiro, Lima Bastos retratou impressivamente a sua personalidade como ninguém o fez.*

Mais à frente: *A sua obra, excelentemente iluminada por Lima Bastos em novas e insuspeitadas focagens, em novas e insuspeitáveis interpretações, em novos e imprevistos contextos, é uma sequência desmultiplicada […].*

Ainda: *E pelo seu inexcedível afecto a Aquilino, sustentado pelos seus saberes (o coração tem razões que a razão reconhece) o escritor Lima Bastos faz-nos viajar deliciosamente pelas suas águas mais profundas e silenciadas enquanto, de braço dado com ele, leva-nos a percorrer, palmo a palmo, as suas terras amadas […].*

A majestade da Beira Alta […] é magnificamente tratada na obra de Manuel de Lima Bastos já no plano literário, já no campo estilístico, histórico, iconográfico, arquitectónico, culinário e até fotogénico ao enraizar o Mestre na sua identidade matricial. Tudo servido por uma envolvente e atraente narrativa, desenvolvida através de uma prosa ritmada, rigorosa, colorida, sugestiva, fresca de imagens inesperadas e justíssimas, atravessada de uma irreverente ironia como lúcida forma de conhecimento, o

que o Mestre segura e gostosamente muito apreciaria. Aqui poderíamos dizer de Lima Bastos que "o amador se transformou na coisa amada".

Conclui: *Peço-vos o vosso aplauso e a vossa aclamação em louvor e em gratidão a Manuel de Lima Bastos.*

E eu diria, se tivesse perdido o pouco de juízo que me sobra no fim da vida e julgasse apenas pelo valor facial a apreciação mais que benévola que Miguel Veiga fez, por certo iludido pelo seu próprio amor à obra do mestre das letras pátrias: que mais ou melhor poderia almejar o escriba precário que no fim da vida se meteu em tais cavalarias, dele dissesse o homem de craveira ímpar que todos conhecem pelo nome respeitado de Miguel Veiga?

A um industrial dos meus sítios, Edmundo Alves Ferreira, falecido já lá vão uns pares de décadas e deixou uma fortuna que, para o meio local, se pode dizer fabulosa e composta por bens de valor tão firme que pouco ou nada flutuaram ao sabor dos baldões da actividade mercantil, ouvi eu dizer para meu pai, seu amigo de toda a vida, a propósito de qualquer negócio que não se tinha revelado particularmente vantajoso: o dinheiro é como o azeite, mesmo quando parece que não se ganha grande coisa, algum sempre fica nas mãos.

Ignoro se o dito, que enriquece e fica a fazer parte da sabedoria popular, é de sua autoria ou se o colheu de terceira pessoa. Sirvo-me dele para ilustrar as apreciações por demais elogiosas que Miguel Veiga houve por bem fazer aos meus livrinhos: ainda que reduza severamente o seu encómio à expressão mais simples, à semelhança do que acontece com o dinheiro e o azeite, algum, se não todo, ficará a confortar para sempre o coração de quem o recebeu.

* * *

Sendo o Município de Sernancelhe, como também os demais concelhos que fazem parte da geografia das *terras do demo*, confrade de honra da Confraria Aquiliniana – que está a viver horas baixas de apagamento por não se lhe conhecer actividade relevante recente com grande indignação, suponho, do escritor seu patrono – cruzei-me por primeira vez com o Dr. José Mário de Almeida Cardoso, seu presidente da Câmara Municipal, na cerimónia de entronização de confrades que

foi a primeira e única realizada até à presente data. Mas devo confessar que nem sabia de quem se tratava nem me apercebi da sua presença, estreante que era em tais andanças.

Mais tarde vim a travar conhecimento directo com a personagem por ter promovido, num estimável restaurante de excelente comida beiroa de que já falei por mais de uma vez – a *Casa do Avô*, situado nos arredores de Sernancelhe – um almoço com uma dúzia e meia de confrades, animado pelo intuito de promover o ressurgimento da confraria então em estado comatoso de morte aparente.

Quando foi publicado o meu primeiro livro *À Sombra de Mestre Aquilino* tive a lembrança de lhe enviar um exemplar com dedicatória amável, mais que não fosse em sinal de reconhecimento pelo óptimo almoço que havia papado à custa do erário da câmara municipal de que é presidente há vários mandatos.

Com espanto meu – que não tinha experiência destas coisas e havia feito a oferta com o intuito desinteressado de mostrar o meu reconhecimento – eis que recebo uma carta assinada pelo próprio punho do Dr. José Mário de Almeida Cardoso agradecendo a obrinha, a qual dizia muito ter apreciado e indagando se seria possível arranjar mais uns quantos exemplares para as bibliotecas, instituições culturais do concelho, ofertas, etc.

Homem! – respondi de imediato com perdão da linguagem coloquial própria de quem se dá conta que está a lidar com um amigo – arranjo-lhe um cento e com o desconto que a editora concede às livrarias. Venham eles! – tornou-me logo de seguida o autarca.

Quero esclarecer que neste, como nos demais e idênticos casos que sucederam a propósito dos livros que publiquei, não tenho qualquer interesse económico no negócio limitando-me a transmitir as encomendas à editora que trata com os compradores interessados de todos os pormenores do assunto ao qual, a partir deste ponto, passo a ser totalmente alheio. A única vantagem que retiro é apenas o contributo que dou para ajudar ao ressurgimento do obra e do nome do maior prosador da língua portuguesa e à divulgação dos meus livros.

Deixo este esclarecimento porque nalgumas autarquias já me tomaram por vendedor ou caixeiro viajante que anda a impingir livros

ou, pior ainda, por pedinte que, de chapéu estendido para obter a esmola da autarquia benfeitora, disfarça a pedinchice com o pretexto da oferta da embalagem de adesivos, neste caso de livros, para dar aspecto mais comercial à mendicidade.

Quero declarar também que os direitos de autor me são pagos em exemplares dos livros que publico e aos quais acrescem mais umas centenas que adquiro ao tal preço de livraria, o que tudo vai desaparecendo na voragem de ofertas propiciatórias que, em alguns casos, tenho a perfeita consciência de chegarem à mão de certos ilustres – como não! – filhos da puta que nem sequer para eles olham ou se sentem, ao menos, obrigados a agradecer a deferência ou simplesmente acusar a recepção com duas palavras de circunstância.

De modo que, feitas as contas por alto e se a providência consentir que por cá ande mais uns anos prosseguindo tão rendosa actividade, arrisco-me a ter de incomodar algum colega e amigo advogado – vieram-me até à cabeça os nomes dos Drs. Miguel Veiga, ou Luís Neiva Santos, ou Celestino Portela, ou Alberto Lamy, ou Pereira da Costa, ou Neto Brandão, ou Alberto Jorge Silva e mais uns tantos – e solicitar a um deles que me faça a graça esmoler de pedir em tribunal a declaração do meu definitivo estado de insolvência.

É mais uma prova de que os novos tempos não se compadecem com a veleidade de escrevinhar bagatelas sérias ou que se quer que sejam tomadas como tais. Na época do homem de Santa Comba Dão dizia-se que a forma de um sujeito empobrecer alegremente era dedicar-se à actividade lavradora. Que assim era compreendo eu muito bem. O que me escapa de todo é o significado do advérbio alegremente que me parece estar no conceito tão apropriadamente como Pilatos no credo. Talvez, como aconteceu ao longo de quase todas as épocas, se lhe deva juntar o ofício de borrador de laudas de papel para ser firme candidato a deixar aos filhos a água das fontes públicas (ao menos enquanto não forem privatizadas) e as sombras dos caminhos.

Ora o Dr. José Mário de Almeida Cardoso, à testa da presidência da sua Câmara Municipal de Sernancelhe, se não foi o único, foi o primeiro e principal autarca a conceder-me ajuda e patrocínio no labor em que empenhei estes meus últimos anos divulgando a obra

magistral do homem admirável que foi Aquilino Ribeiro. E isso nunca esquecerei porque na casa onde vim ao mundo aprendi que morder a mão de quem nos fez bem acarreta deslustre e desonra.

Logo no início do nosso relacionamento pessoal declarou-se-me grato e contou-me uma curiosa historieta passada entre ele próprio e um filho que vive no estrangeiro, suponho que em França, por motivo de alcançar determinado grau académico e a quem há muito tempo massacrava a paciência para que fosse lendo alguma coisa da obra do escritor que, sem sombra de dúvida, é a figura maior do concelho a que ambos pertencem.

Mas em vão. O rapaz, por isto ou por aquilo, mostrava-se reticente ao que considerava uma maçadoria nestes tempos que, bem se sabe, não correm propícios para atraírem os mais novos a tal ocupação do espírito. Referiu-me o Dr. Almeida Cardoso, depois de ler o meu primeiro livro *À Sombra de Mestre Aquilino*, que o meteu nas mãos do jovem e pediu-lhe que o lesse pois, por essa forma, ficaria a ter uma ideia geral de quem foi Aquilino e da importância que se lhe reconhece na literatura portuguesa.

E concluiu reconhecido: o rapaz leu, gostou e disse-me que agora é que estava preparado para travar conhecimento com a obra do grande escritor começando por onde eu próprio havia começado há sessenta anos: pela leitura do romancinho delicioso que é *Cinco Reis de Gente* que meu pai, adorador de sempre de Aquilino Ribeiro, me ofereceu como prenda de aniversário no dia 13 de Janeiro de 1949, frequentava eu a terceira classe da instrução primária e foi já há tanto tempo que os meus netos acham que o avô é contemporâneo dos dinossauros e mais velho que o velho Matusalém. E eu dou-lhes razão.

Voltando ao Dr. Almeida Cardoso: ainda bem recentemente, numa das minhas últimas deambulações pelos locais de culto da Beira Alta consagrados pela relação que tiveram com a vida e com a obra de Aquilino Ribeiro e na qual me pediram para servir de cicerone a umas cinquenta pessoas integrantes da Confraria da Fogaça da minha terra da Vila da Feira, o Dr. José Mário de Almeida Cardoso fez questão de nos receber no salão nobre da sua Câmara Municipal voltando a exprimir o apreço e reconhecimento do município a que preside pelo meu

labor em prol da divulgação da obra do mestre escritor quando, em boa verdade, sou eu que lhe devo a minha gratidão pelas atenções e gentilezas que me vem dispensando desde a primeira hora.

O que aqui deixo registado, e com gosto agradecido, apenas por razões de mera e cordial justiça, tão desinteressada quanto é certo que este notável autarca terá de deixar, por imperativo legal, a função que exerce *desde o princípio do mundo* – para utilizar uma expressão que não repugnaria àquele mais que exagerado Frei Bernardo de Brito – no fim do corrente mandato e, por esse motivo, provavelmente a continuação dos contactos que temos mantido se verá mais reduzida ou correrá até o risco de se tornar periclitante.

Mas de uma coisa estou mais que certo: para lá das contingências e das vicissitudes do relacionamento entre os homens, a figura do Dr. José Mário de Almeida Cardoso permanecerá na minha memória agradecida e aí terá sempre um lugar cimentado pelo afecto e admiração que dedicamos a mestre Aquilino.

* * *

À semelhança do que disse por ocasião de idênticas oferendas, dou-me bem conta da pouca valia da homenagem que neste intróito quis prestar ao Dr. Miguel Veiga e ao Dr. José Mário de Almeida Cardoso.

Se dependesse da minha vontade e do meu engenho, bem gostaria de poder honrar estes dois homens ornamentando o pórtico de entrada para esta obrinha, por onde terão de passar aqueles que a quiserem ler, com os festões e as grinaldas de flores que era de preceito o Senado de Roma engalanar-se para receber os que, por serviços ilustres, haviam nobilitado a República e de seguida eram glorificados com a coroa entretecida de folhas de louro em sinal de louvor e reconhecimento públicos e para exaltação eterna dos seus nomes.

Na impossibilidade e à falta de melhor, atrevo-me a pedir-lhes que façam a fineza de imaginar que foi desse modo que os coloquei a figurar na antessala deste livro, tal como se os tivesse convidado a entrar em minha casa para os receber de braços abertos mas na qual só poderão ser obsequiados com a hospitalidade franca embora modesta de quem é um pouco mais que pobre mas um pouco menos que remediado.

Capítulo Primeiro

AQUILINO RIBEIRO E O SÉCULO XX PORTUGUÊS

Aqui há uns meses atrás realizou-se em Santa Maria da Feira um ciclo de conferências que se desenvolveram ao longo de dois dias em celebração jubilosa pelos dez anos de existência, com publicação ininterrupta, da revista cultural *VILLADAFEIRA*.

Convidaram-me a participar mas, antes de entrar no tema que escolhi – Aquilino Ribeiro e o século XX português – permiti-me dirigir algumas palavras breves de saudação à Liga dos Amigos da Feira, à qual pertence a revista, e a todos quantos lhe têm dedicado o seu trabalho e o seu esforço devotadamente mas com particular referência ao seu presidente e director, o meu colega e amigo Dr. Celestino Portela, já que tem sido a alma e o pólo aglutinador das pessoas de boa vontade que intervêm na sua feitura e têm assegurado a saída regular da publicação ao longo de dez anos.

Salvo talvez uma escassa meia dúzia de casos de revistas deste género editadas durante o século passado e quase todas a partir de Lisboa, o que significa que tinham âmbito nacional, eu não conheço outro caso idêntico que, sem perseguir o objectivo do lucro, perdurasse por tanto tempo.

O que constitui motivo de admiração e de justo orgulho para todos os que nela têm colaborado – como é o meu caso – e por isso faço questão de aqui consignar estas palavras de homenagem e regozijo.

Sendo certo que a minha intervenção configura uma simples abordagem de carácter geral à vida e à obra de Aquilino Ribeiro no intuito claro, em que venho persistindo desde há uns anos a esta parte, de chamar a atenção para a sua incontornável importância na literatura portuguesa, não custa reconhecer que o texto tem a simplicidade e a acessibilidade que o objectivo de divulgação para ouvintes, na maior parte dos casos pouco familiarizados com a obra do escritor, naturalmente impunham.

Apesar disso, sobretudo no que se refere ao pensamento e à acção do mestre prosador no plano político, entendi dar uma visão um pouco diferente da habitual ao procurar estabelecer e definir algumas ninharias talvez menos abordadas por aqueles poucos que se têm dedicado ao seu estudo.

* * *

Vamos então falar de Aquilino Ribeiro:

Numa resenha biográfica, necessariamente breve, diga-se que o gigante das letras portuguesas nasceu a 13 de Setembro de 1885 no Carregal da Tabosa, pobre e pequena freguesia do concelho de Sernancelhe incrustada numa das abas da serra da Lapa a qual, com a serra da Nave, constitui o cerne da sua bem amada Beira Alta que o escritor, ao longo de dezenas de livros, iria transpor para a obra literária como a mais importante de todas as suas personagens e receberia o crisma de *terras do demo* retirado do título do seu segundo romance vindo a público quando corria o ano de 1919.

E desde há muito tempo que tal nome, que se associava à escassez dos recursos desta região, à inclemência do clima e à penúria e pobreza dos seus serranos deixados ao abandono pelos poderes públicos desde as épocas mais recuadas, constitui na actualidade designação de que os seus naturais muito se orgulham em ostentar e tornou-se até marca de excelência que classifica produtos de elevada qualidade de que são exemplos marcantes a maçã *bravo de Esmolfe* dos pomares

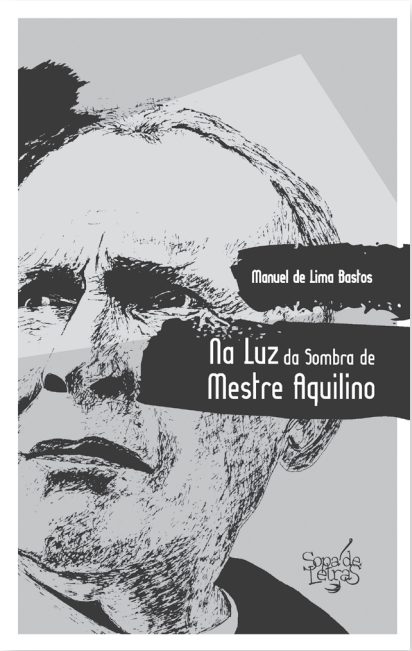
de Moimenta da Beira, as castanhas dos soutos de Sernancelhe ou os vinhos e espumantes dos vales do Távora e do Varosa.

E tudo por obra e graça do nome que o mestre escritor inventou para as negregadas *terras do demo* que nele foram colher a inspiração para andar para a frente ao persistir na transformação e no progresso do seu território sem renegar dum passado de cuja memória existem vestígios que remontam à mais antiga ocupação humana vinda já do período neolítico e permite que as gentes beiroas desta região desfrutem na actualidade de certo desafogo económico que as coloca, pela primeira vez, acima dos limiares da pobreza ancestral.

Desde a meninice que o escritor, filho do sacerdote católico Joaquim Francisco Ribeiro e de Mariana do Rosário Gomes, tinha como horizonte a vida eclesiástica ao ser condicionado para a frequência do seminário por vontade e determinação de sua mãe. O pai, ao contrário, nunca forçou essa escolha. Por esta razão o seu percurso escolar, ainda na fase da instrução primária, levou-o a entrar, como aluno interno, para o antigo colégio jesuíta da serra da Lapa, então dirigido por franciscanos. Passou depois para o famoso Colégio Roseira em Lamego para fazer o que chamavam de *preparatórios* que concluiu já em Viseu e constituíam o passo antecedente e obrigatório para os candidatos que pretendiam ingressar no seminário e receber ordens religiosas.

Apesar da renitência que Aquilino sempre demonstrou em enveredar por tal caminho, acabou por ir parar ao Seminário de Beja que frequentou durante dois anos para comprazer apenas com os insistentes apelos da mãe. Porque razão foi escolhido o Seminário de Beja tendo perto de sua casa o de Lamego? Parece que já de moço a fama, que o havia de acompanhar por toda a vida, de rebelde e inconforme ditou a recusa deste último estabelecimento em receber o jovem. Ao invés, o de Beja tinha reputação de ser mais permissivo, com a regra disciplinar mais branda e de não se romperem os joelhos em rezas e orações.

Na obra póstuma *Um Escritor Confessa-se* Aquilino explica claramente que as pressões que sua mãe sobre ele exerceu para que seguisse a carreira eclesiástica tinham em vista dotar o jovem com uma ferramenta apta a ganhar a vida. Falava-se desta carreira como se falava da carreira médica, da carreira do foro, da carreira das armas ou



«Mil obrigados pela sua obra "De Novo à Sombra de Mestre Aquilino" que tanto me sensibilizou e agradou. Nunca ninguém escreveu tão bem e com tanta mestria e sabedoria sobre Mestre Aquilino! Felicito-o e felicito-me a mim por ser seu fiel e devoto leitor. Acresce que a sua digressão pelas "Terras do Demo", que são as de meu Pai e de todos os meus passados, devolveu-me o sabor e a memória das minhas raízes, da minha infância e da minha adolescência, da minha identidade matricial…!»

Miguel Veiga,
advogado, homem da cultura e de livros, erudito aquiliniano

1.ª edição – Novembro de 2011
144 páginas
145 x 230 mm
ISBN 978-972-8708-49-8
€ 10,00

«Acompanhei-o com prazer neste seu novo roteiro aquiliniano. Prazer e inveja, já que me proporcionou visitar, por seu intermédio, o país do Mestre das Terras do Demo. Nem Garrett com Gomes de Amorim, ou Camilo com Alberto Pimentel, tiveram biógrafo ou historiador à sua altura. Só talvez, mas ainda a uma certa distância, Herculano com Bulhão Pato. Falecia-lhes não só a qualidade da prosa, mas também a ironia e a irreverência que fazem o encantamento de cada página dos seus livros.»

José Domingos da Cruz Santos,
editor, livreiro e erudito camiliano

Informações e encomendas
principia@principia.pt • www.principia.pt

Se a língua é a nossa pátria, Aquilino Ribeiro é muito a nossa pátria. Assim, não apreciar Aquilino pode corresponder a pôr em dúvida o nosso sentido de pátria. Estarei a exagerar…? O nosso entusiasmo por Aquilino pode resultar de um casual ou procurado encontro com o escritor, como pode resultar da apresentação por intermédio de um seu amigo e admirador. Eis o meu caso: cheguei à comunhão inteira com o mestre através do testemunho destemido de Manuel de Lima Bastos. E, muitas vezes, quando me apetece conversar um pouco com Aquilino posso até, sem me dar conta, estar a conversar com Lima Bastos. Parece-me que nunca vi casamento, quero dizer, identificação tão conseguida entre dois apaixonados pelas letras. Devemos muito da nossa alma a mestre Aquilino mas vou-me convencendo que também a estamos devendo, em parte importante, a Manuel de Lima Bastos.

+ Manuel da Silva Martins (Bispo Emérito de Setúbal)

Lembro-me de há muitos anos ter ouvido dizer que havia um artista que pintava aves do paraíso. Muitos outros ao tempo o faziam mas apenas ele tinha o dom de as pôr a cantar para quem soubesse olhar a obra com olhos de ver. A maior parte dos que admiravam os cenários encantados em que as representava não eram capazes de escutar a magia fascinante dos seus cantos. Vem-me isto à memória porque me dei conta que Manuel de Lima Bastos é daquelas pessoas com sensibilidade para descobrir na leitura e na rememoração de um texto literário os mistérios e as veias de metal rico que nele estejam subjacentes.
Com perspicácia e profundo conhecimento tem vindo a revelar, ao longo de diversos livros dedicados a Aquilino Ribeiro, quanto lhe são familiares os caminhos que, de braço dado com o prosador, tem vindo a desbravar reencontrando, sob as imagens transmutadas de hoje, os trilhos e vivências de um Portugal castiço que continua a subsistir e a condicionar as nossas existências sem que disso tenhamos uma precisa noção. Mas um autor polimórfico e cultor de tantos géneros tem a sua trajectória repleta de pequenos nichos onde por vezes ficou escondida a imagem especiosa de um santo. No seu último volume – em que por extrema generosidade emparelha o meu nome com o de D. Manuel da Silva Martins, figura relevante das humanidades portuguesas, o qual pelo seu carácter, desassombro e cultura todos reverenciamos – vai redescobrir alguns episódios relacionados com a vida literária de Aquilino, na sua feição polémica ou na forma como era visto pelos seus contemporâneos. São textos que de sobremaneira vêm contribuir para um mais amplo conhecimento do homem e da obra, indispensáveis de ora em diante para a sua investigação. De um estudioso tão sensível e que tão bem apreendeu o pensamento do escritor não seria de esperar outra coisa senão uma certa veneração pelo estilo de Aquilino. E para mim foi um regalo ler estes livros de Manuel de Lima Bastos. Nas letras um pouco desgrenhadas ou tomadas de algum expedientismo que hoje prevalecem é um prazer indizível saborear uma prosa apurada, que corre com fluência e graça, onde a forma é complemento necessário do enriquecimento e da compreensão das ideias, afinal de contas a grande herança dos nossos clássicos. Por tudo isto, prezado amigo Manuel de Lima Bastos, serei sempre um seu incondicional admirador.

Eng. Aquilino Ribeiro Machado (filho do escritor Aquilino Ribeiro)

Manuel de Lima Bastos nasceu a 13 de Janeiro de 1940 em Santa Maria de Fiães, freguesia das Terras da Feira. Segundo o próprio, «ocupou-se em viver a vida mas teve de interromper esta actividade para exercer o ofício de advogado durante mais de três décadas. Mantém-se vivo mas ninguém pode dizer até quando». Em 2009 publicou na Sopa de Letras *À Sombra de Mestre Aquilino*, galardoado com o Prémio Literário Ordem dos Advogados.

www.sopadeletras.com.pt
ISBN 978-972-8708-85-8
9 789728 708658